

No 1

MSO/6

Dinero scripto per
Mario L. C.

12 acres

com

Mario de Sá Carneiro

Este livro contém artigos que
preenchem mais de duzentas paginas

Grande numero de diversas
escripções por Mario de
Sá Carneiro

Neste livro estão quasi todos ou mesmo
todos os escriptos de Mario de Sá Carneiro

Leisboa 21 de Janeiro.

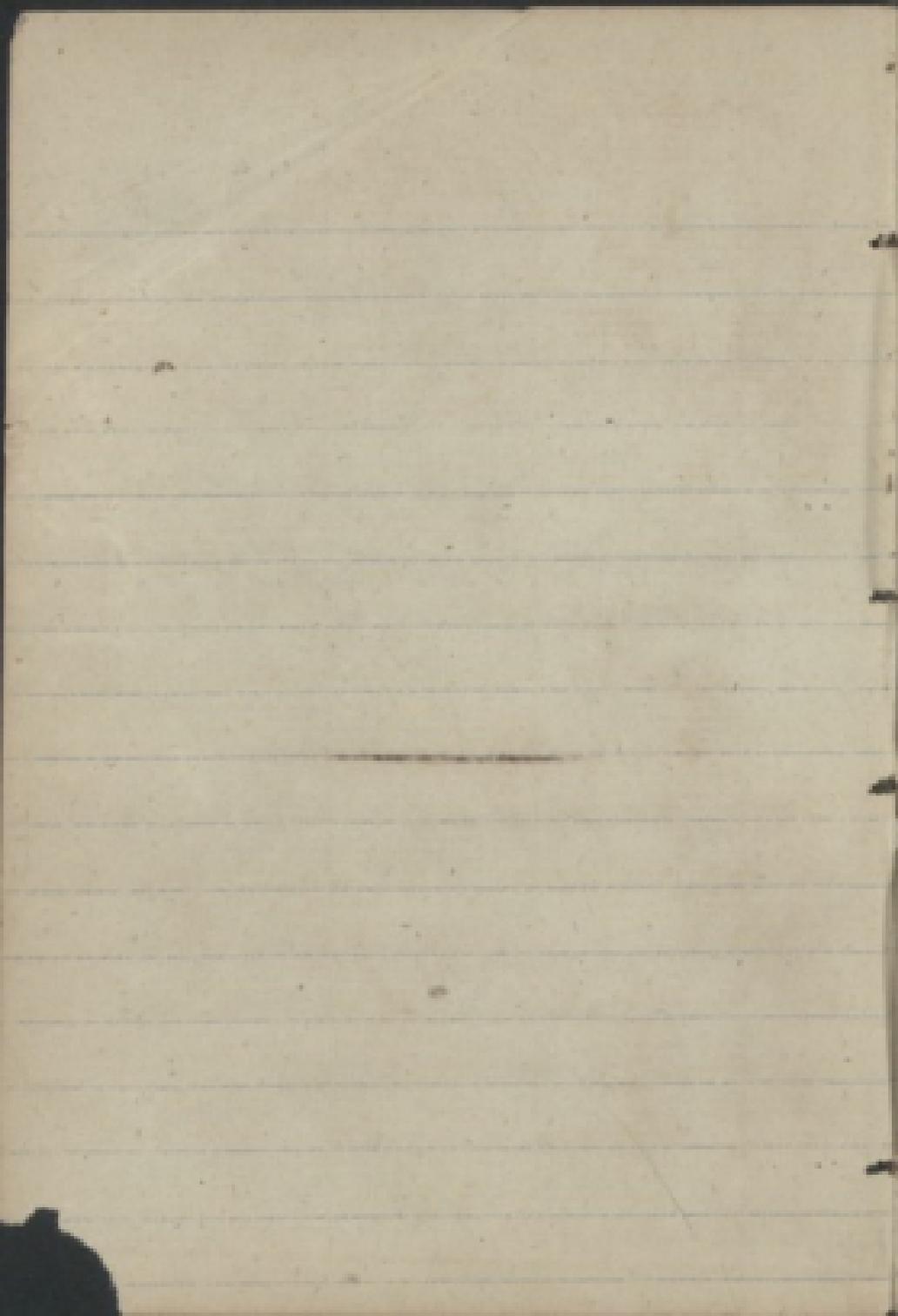
Na Maria 29

2.º director

1902



data



1- Historia de D. Alvaro de Castro

I

Eu nasci em Braz-os-Montes; meus pais D. Antonio de Mello e Castro e D. Leonor de Noronha assim que eu fiz 14 annos e dia de concordar que ja não fizem tempo, tomaram-me mestres; entre elles havia um chamado Antonio de Mascarenhas que era o unico de quem eu gostava pois fazia tudo que eu queria e ainda me dava ideias piores das que eu tinha. Um bello dia estando eu já enfadado de todos os mestres meus do Antonio de Mascarenhas e bem de ver roubei uns 50 de brães a meus pais e fui-me de viagem com o tal Mascarenhas

II

Em quanto temos dinheiro passamos no d'arte

possivel e por isso quando chegamos a Leiria já não tínhamos mais que um pu-
 sado e por isso tivemos que valermos da arte de intrujar em que o Mas-
 carenhas era muito forte. A primei-
 ra intrujice em Leiria foi a seguinte:
 No dia em que chegamos a Leiria
 como o dinheiro que tínhamos era
 sufficiente para viver mas não para
 passar lantamente fomos dar um pe-
 seio pela villa para ver se nos lembra-
 vamos d'alguma intrujice ora indo nós por
 uma rua encontramos um homem e entabulamos con-
 versação com elle. Depois de muito conversar viemos
 ao conhecimento que elle era da mesma laia
 de que nós e então disse-mo-lhes se elle se
 ia reunir com os outros pois o nome fize-

era somente intrujar o Manuel Franco pois assim se chamava o tal homem disse-me que isso mesmo e que elle queria e logo ficou combinado que a nossa estrei ficaria de um em amanjar jantar de graça ficando em encaregado de arranjar as carnes o embascamento o vinho e o Manuel Franco o pão. Depois de combinarmos o cito que nos havia-me de reunir cada um de nos partiu para seu lado. E dezesseis mhei o meu cargo de seguinte maneira: Passando por junto de uma igreja vi que estavam discutendo com um homem que vinha carregado de lebres, perdizes, galinholas etc. o padre e o sacristão da dita igreja; eu então accordei d'elles e perguntei ao padre porque razão era aquilo. E respondeu-me o padre por cauza d'elles

homem que nunca se confessou e está-
 a ser se o confessou a si-se confessou.

Eu então tambem principiei a ajudar o padre
 o sacrista, o homenzinho por fim li-
 se decidiu a ir-se confessa mas de re-
 pente lembrou padre que elle não pu-
 dia entrar na igreja com as liras, per-
 dizes, galinhola, etc. etc. eu então ofereci-me
 para isso e o que sei e que a minha pro-
 posta foi aceita mas assim que elles entraram pa-
 ra a igreja eu fui para - que - os - que -

de Barcellos portu - se assim:

Comprou dois enormes canecos que levariam
 cada um um ~~caneco~~ ~~de~~ ~~um~~ de agua
 escondida e de bairros de rapa e o outro ficou
 a vista vazio; na primeira taberna que viu
 pediu ao taberneiro que o enchesse de melhor

ninho que tivesse o mesmo que o taberneiro
 o trouxe mettendo tambem debaixo da
 saia e pergunta ao taberneiro quanto era?

- Quatro pataes disse elle. Entao o Antonio
 de Mascarenhas disse-lhe é muito caro tomar - e
 lá que não o quer e foi-lhe o caneco em cima da
 meza mas não o que tinha visto mas sim o que te
 abuzou e deixou logo a correr. O Francisco fez o
 seguinte:

Vestia-se de alma do outro mundo e com
 fome froude encasfura-se numa padaria sem
 ninguem ver e escondem-se a um canto quando já
 era escuro shiu do seu escondido e orfolhos de pa-
 deiro deitarem a fugir entao o Manuel Francisco
 cheu com sacco de pão que tinha levado e veio
 se reunir á gente. Depois com o mesmo dinheiro
 mandava-me comprar aquillo tudo por uma ou

lher que nos levou só quatro patas e
comemos aleyrissimos.

III

Fizemos tantas entrupeas que seria impossi-
vel contar mas uma ia nos shind' aca
& por isso fugimos para Heapanha onca
estando nós ja enfastiados de armar estorta-
zanas resolvemos organizar uma quadrilha de
ladroes sendo eu o capitão o Maccarochas 2º e o
Francis tenente e arranjamos para ladros nos
6. Circulos que nós fizemos foram enoves.

IV

Alto thit shifte nós derrubam enconta
moimpa garda y supugut. Logo anca
d'apouo d'entio virhit um homem com ar
de fidalgo que nós levamos para a nossa
casa. A suim que lá chegamos eu pergun

7

Vingança Terceira

tei-lhe comose chamava e elle disse-me que se chamava D. Antonio de Mello e Castro, a estas palavras logo estremecei por ser o nome da minha familia; tambem lhe perguntei como se chamavam os seus paes e era portuguez ou hespanhol elle entao disse-me que seu paes eram D. Alvaro de Mello e Castro e D. Leonor de Noronha que era portuguez e que era da provincia de Cray - os Montes. Entao eu tambem lhe perguntei o que elle andava a fazer por Hespanha? chodto a procura de um meu irmão chamado D. Alvaro de Mello e Castro que fugiu de casa a 10 annos com um seu professor chamado Antonio

de Mascarenhas.

Visto isto não havia que duvidar
 que aquelle era o meu irmão mais
 novo que quando eu fugi tinha
 10 annos e por isso agora tinha
 20; então eu disse-lhe: Pois fical
 sabendo que o teu irmão D. Al-
 var de Vello e Castro sou eu que
 estou n'esta vergonhosa posição de-
 me então noticias de meus pais
 já que nós dois meu irmão sabe que
 esse pai anda tambem á tua procura
 e a este horas já deve estar á minha
 espera. D. Álvaro queres tu vir comigo?
 - Quero sim meu irmão respondei.
 Nesse mesmo dia partimos ficando
 os outros a seguirem a mesma profissão

passando o Mascarenhas para 1.^o capitão e Franco para 2.^o e um outro ladrao para tenente.

V

Quando chegamos á nossa casa já o nosso pai estava lá; imagine-se a alegria que elle teve quando me viu. A minha chegada foi celebrada com muitas festas e d'hi por diante não podemos ser mais felizes.

Aqui se acaba a hestoria de P. Obervan de bello e Castro.

2.^o feira 18 de março 1802

4.^o feira 22 de janeiro de 1802

II - O Espectro

I

Na cidade de Évora andava todo povo agitado em vista das enormes contribuições que tinha lançado o governo hespanhol.

Era em 14 de abril de 1634; quando se acabou o dia 14 tudo se cejava para continuar no dia seguinte. Ora aconteceu que um certo homem chamado Bernard de Lha tinha-se recolhido como de costume todo.

Foram as 12 badaladas da meia-noite em qual não foi o seu infantu quando ouviu um grande rumor e appareceu um espectro que lhe disse:

Esta tentura de emancipação é por para todos pois que o governo de Hespanha

ainda he de lançar maiores contribui-
 ções em vista do que fizeram. He de ter
 uma revolução em 1640 que he de ter
 bom resultado para os portuguezes pois
 haõ de recuperar Portugal e quem he
 de ser aclamado rei e o duque de Bragança
 D. João. Por isso Bernardo da Silva a-
 consellete que não tomar mais parte nesta
 sublevação. E dito isto desapareceu.

A rainha que nomeou a amora Bernardo da
 Silva deu parte ao povo do que lhe tinha
 dito o espectro. Como era de ver o povo não
 acreditou no Bernardo da Silva por julgar
 que tinha sido sonho d'elle. Mas o Bernardo
 não tomou mais parte na sublevação

II

Estamos no anno de 1642 e de dezembro

o dia vierá esplendido tomados
 os conjurados isto por feliz augurio.
 Maior parte dos fidalgos entravam em
 esta conspiração. E té os sobrados moste-
 ram oração pois que D. Philippa
 de Vilhena condessa d'el Reyua e
 D. Mariana de Lecastle armaram por
 suas proprias mãos os seus filhos, D. Jeronymo
 d'Altafoga e D. Francisco Coutinho da
 primeira e Fernão Belles e o Antonio Bel-
 les da Segunda da Segunda.

Soaram as 9 horas abrem-se de subito
 as portinholas dos coches abrem-se e sal-
 tam por elles os fidalgos arrebatada-
 mente. Levam-nos de facto os outros confederados
 e sobem de tropel as escadas do paço e matam Mi-
 guel de Vasconcelos secretario da duquesa de Mont

que se tinha refugiado em casa armário
 e ao grito de liberdade !! liberdade!!
 o povo de Lisboa apressou-se contra
 os espanhóis e venceram os portugueses.
 Depois de algumas batalhas de que os
 portugueses venceram acertou-se a paz
 entre Portugal e Espanha.

III

Quando chegou a Lourenço esta notícia
 Bernardo da Silva disse para os que tinham
 tomado parte na sublevação de 1624:
 Então já vêm que sempre estão certos o que
 o espectro me disse

Mário de Sá Carneiro

20 fevereiro 1902.

I

e Não, não pode isto ser verdade porque
 ja tenho dado as mais duras tratosa ingi-
 niação e todas tem sido vãs

- Pois a não tem acontecido o mesmo.

- Nesse caso porque é que teorna qdo o docu-
 mento deve estar escripto em hespanhol
 e não em portuguez.

- Lá isto é verdade porque eu tanta
 razão tenho para dizer que está escripto em
 hespanhol ~~com~~ em portuguez. Bem
 senhor D. Antonio de la Bonda eu não
 me embora porque não estou hem se não
 a ver se descubro a cifra do documento.

- Então adeus senhor D. Manuel de Castel-
 lo Blanco.

II

Eracito o documento de que D. Antonio
de la Ronda e D. Manuel de Cas-
tello Blanco.

- Já descobri o...

- Que me diz!?

- Sim já descobri o mais para adunhar o documento mas desgraciadamente é o quasi impossível porque para o decifrar é preciso uma grade a qual nós não fomos imos. O senhor sabe o que é a grade que serve para decifrar os documentos?

- Olhe se quer que lhe diga não sei.

- Pois eu lhe explico: No nosso documento é em todas da sua espessura, por exemplo o S vale o S e não qualquer outra letra mas se preciso a grade que é um papel esburacado que se justapõem á conteúdo do bilhete de maneira que ~~III~~ precisamente as letras

Que se devem ler e que se vêem.

Fais razão - me afira a esperança
 porque na gruta em que se encon-
 trou o decanato estava lá um quadra-
 do assim cobrado - ezo seður diz.

Presentão mi imediatamente bucca-lo
 - ja se m. Deus a te ja

II

Em a noite de 18 de janeiro de 1540 depois de
 D. Francisco de meneses sair da sua casa acoust-
 taram-no e roubaram-no deixando-o muito
 maltratado. Perim não nunca se descobriu mas
 passado alguns annos cahiram as suspeitas em
 um fidalgo chamado D. Cezar de Barca-
 nhas. Quando morreu este fidalgo deixou
 no seu testamento para desmanchar as sus-
 peitas porque elle não tinha herdeiros

deixou as um primo de D. Francisco
 Menezes seu antigo amigo como lembran-
 sa de afincos de brilhaes e 1.000 rios em
 em nuellas de ouro antigas as que caizas
 estavam em uma caixa que estava dentro
 d'uma gaveta. Foi o proprio D. Echebarria de
 Menezes primo do falecido (D. Francisco de
 Menezes (n'este tempo ja tinha morrido D.
 Francisco) e quando foi a tirar a caixa
 de repente abriu-se uma tampa que era um se-
 gredo e o dito D. Echebarria de Menezes viu
 la um bilhet em cifra e uma grade
 que elle não sabia fiquê servir. Assim que
 viu o documento levou-o logo ao senhor
 Alvaro de Abella que era decifrador de
 enignas e bilhetes em cifra. O documento
 era este:

o r a e u o
 m e u a b f
 o o d t i d
 f o w e r r
 d a q n i d
 e c o t i i
 s y e e o e
 s d o e s e
 o y a e a u
 r m r e l l
 n n u h d d
 a e e m s a

2

III

— Lá está a gra. senhor Mello.
— Agora dê-me o. s. s. hora de fazer
o bilhete.

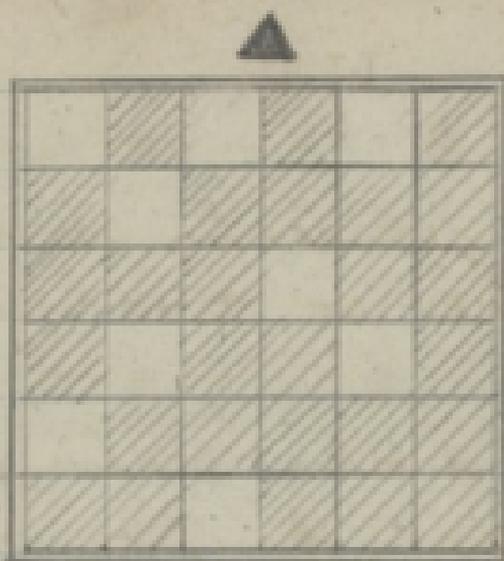
— Lá me vou embora senhor Mello;
olhe se decifrar o bilhete mande-
mo

— Está visto senhor D. E. headoro.

IV

Era esta a grade: (1)

(1) Os quadradinhos brancos representam os paços e os
outros a superfície cheia.



Alonso de Alcala e minha discipulo que
era apotem logo a grade na lithete (a
qual só cobria as 6 primeiras linhas e obtien
Logo este resultado collocando de maneira que
o trianglo ficasse para cima;

o u u

c

t

o

r

d

o

e depois virando o triângulo para o lado
direito o seguinte

r

o

u

t

o

-

d

r

q

u

mirando o triângulo para baixo o
 subor. Nello obtene o seguinte

l
 o i
 w
 a i
 c t i

Depois mirando - o para o Cada espe
 rodo isto

m a
 d
 f r
 a m
 c i

então como era natural o dispa-
 dor aplicando a grade as 6 linhas
 restantes e mirando o triângulo como
 tinha feito para decifrar as pri-
 meiras 6 linhas e sr. Mellé com
 grande contentamento obtene os
 seguintes resultados:

(▲)

s c o

d

e

m = e

n

l

29

8

9

0

1

2

u

(▲)

e

u

d

u

e

e

7

a

~

d

e

m

a

(▲)

b c
 a
 (▲) n e
 m h
 a o

Feito isto o sr. Alvaro de Abello
juntando as letras chtere o seguinte:

O autor do roubo de que foi vic-
tima D. Francisco de Menezes sou
eu D. S. Egar de Mascarenhas.

Com disse consigo Alvaro de
Abello vou ja dar esta nova
a D. Theodoro de Menezes mas que

do elle ia a shair lateral a porto
 um criado de D. E. hodoiro que vinha
 da parte do seu patroo entregar ao
 sr. Stello outra bilhete cifrada
 da mesma procedencia. O sr. Stello
 ja sua shair e foi tratar de o
 decifrar. Era este o bilhete:

Uemmas	J naldi	Abreppia
Ectuee	Wooepe	Ceeolr
Dmdote	Aasadr	Le emyse
Opocim	Dmaato	Oeesed
A emudm	Oreore	Niorna
"Eed'ira	Dandl ⁽¹⁾	Etaair

(o resto do documento encontra-se
 na outra pagina)

(1) Entende-se confundir com um a adang apimantopim

Eioiax	Apdgaax	E Essee
Wooapn	Uarneu	Wnydae
Ohpyai	Niinet	Balted
Oupsci	Emleso	Aallent
Dracoon	Erdede	Eretkina
Urethu	Teuero	Epeasooos

33

34

35

36

37

38

I

1.^a parte

I

- Já, já e imediatamente...
 - Mas senhor conde.....
 - Cale-se. Não quero ouvir
 pio, quando não vae já para
 a meida sua.
- Bem cá me vou sair. onde
 Este diálogo foi fillado
 entre o sr. conde de
 S. Francisco e o sr. conde
 do João. O conde tinha men-
 sado a seu criado com uma
 carta a mulher do Duque
 Augusto de Villar do
 Rio, seu amigo.

Como se, me isto a presen-
 tava puzas fiza si e tem
 Bem para o pintado e portate
 o criador queria fazer alguma coisa,
 mas o conde e que não sobri-
 metria do que o padre e o
 João se tem que levar
 a carta.

O duque era muito siumen-
 to e estava quasi sem-
 pre em casa, portate en-
 tregar uma carta ^{era muito} era obra a
 difficil, e difficillima para
 João que não tinha nada
 de astute.

Shain o criado e puz-se a
 matutar no caso, pensava

como havia de entregar
tal carta. Se não a entor-
gasse era posto fora da
casa do conde; ora isto
não lhe convinha porque
em sua casa por se en-
xada havia que fazer, os
ordenados eram bons e abun-
dantes havia bastantes gregos
comida aptima e farta,
quanto a bebida idem. Ora
entregá-la como? pensava
o pobre João; ai se se
encontrese o seu amigo
Antonio, erido tambem, tal-
vez pudesse, mediante alguma
recompensa, ^{o que a minha filha pensou em fazer-me} restara tudo ^{o que}

arranjado. E achava
 de fazer estas reflexões
 quando estavou com
 Antonia. Eue a casa,
 bons dias vieram logo
 a fala a respeito da
 Carter, encarregando-se
 do recado e Antonia, sem
 saber, foi pagando
 e he fada jantar e vinho
 nesse dia, pois elle estava
 desempregado.

II

Era sumptuosa o palacio de
 duque Augusto de Villar do
 Rio. A te os quartos das
 cas eram tapetados. Eua

nadava em luto.
 Era uma viúva de
 Kaji. O duque era velho
 feio, e ainda por mais
 ciumento. Sua mulher
 era um agor ^{ou um velho} ^{monstro} ^{de} ^{verdade}
 constrevida com seme-
 lhante monstro. Tinha
 ella tudo quanto queria
 mas o que; não tinha
 liberdade; desejaria ser
 pobre mas livre; e era
 prefrind. Sahir não podia;
 nem ao menos chegar
 a uma janela. Ser marido
 era raro sahir pois era
 um velho chio de achagus

Casara Olinda com elle, obrigada por seus fructos, que se mesuram milharum com tanta riqueza. Olinda era pobre e ~~po~~ mas não rica. ~~Ho dia em que se cria se. etc.~~

Poucas pessoas se tinham entrado na casa da Duque; Entre ellas via-se o conde e o Sr. Francisco. Ho dia em que se não passava os successos que não narrar estive o Duque cimento mais que os costumes pois estando elle com sua mulher

a janella, um trasuato
 atrevera-se a levantar
 os olhos para o lado. *Está*
D'hai D'ahi ralho de
 parte do sangue e choros
 da sua duquesa; ~~portanto~~
 era ainda mais difficil
 a incumbencia de An-
 tonio, mas elle era
 esperto, esportissimo.

111

- Oli por aqui, sei Antonio
 do Duqias. Então como passa
 você?

- Mal e bem mal. A snal do
 o snr. barão de Castro.
 Seg-me o favor de

me por no alto da
Pua. A propósito, não
saberes tu de alguém
que precise de crida?

- Alta, chegas a boa
hora para o que porque?

- Ca não.

- Ca non te o ipr.

„ O meu ama é ciumento
como o diabo e apesar
de estar sempre em casa
para guardar sua mulher
têm sempre um criado
fidelíssimo para a guardar
ainda melhor. O meu tem
despedido o que ~~estava~~ estava
eu por ter suspeitas a seu

respeito e o lugar que
 te afreço é este que
 me parece ser mais
 que competente para ti
 poi. ~~parece-me~~ pare
 se-me que é fiel com
 um cão.

— Fideiellississimo.

— Bem fa sup te apuzo
 ao d'agire que têm confian
 ça em mim e até me
 folou para eu arrasar
 crinda. Vamos falar
 com elle; anda cá para a
 crima.

— Vamos-lhe rapage com
 seiscentos d'abos.

— Lem. Tague, da licença?

— Entre Arnaldo. O que
é que há? fa arranjos-te
criado?

— Saiba o sr. Tague que
parece-me que sim, e se
a quizer ver elle está
alli.

— Que entre.

Arnaldo sabia mas não
parceu trazendo com
sigo António.

— Saiba n. esp. que é este
o criado que eu arranjar
— a teçada — me de tua
phisonomia — inia. Como te chamam?

- Antonia um criada
do sr. Dague.

- Fica-me ao ~~dispos~~ serviço
quanto queres. E jámbor?

- E já os galamos n'isso
sr. Dague.

- Esta bem quanto a isso
estou quite não des-
prezisco. E sem mordaço
que te ensine o que
tens que fazer. Annel
do bem o Antonia ao
sr. Gazi de Castro.

Sapiram. A gora vamos
intrinsecar o leitor no
gabinete. E a morda-
ço.



v

O que és tu meu
 fuzil da Capia Beta.
 E como vez a Antania
 meu amigo e antigo
 companheiro. A ja sei
 que vais ser carcereiro
 do pobre da D. O Linda.
 Como tu és meu amigo
 e tu meu noute primo
 de algumas curvas:
 O fidalgo hade ~~te~~ espi
 mentar a tua fidelidade
 simulando a que vem certos
 para sua mulher, esp
 chando o Dinheiro por alguns
 sitios etc. e se cahes em algu

na esparrela e os boys
 posto fora, e....

- E... o que?

- E quando os negros elle
 os não mata ou os
 faz passar tormentas. e em
 se-lha-te tam bem que
 não faças nada sem
 me avisar.

- E atá-bem. Quando
 principia a despenhar
 as minhas funções?

- Háfe mesmo.

- ~~Está bem~~ ^{está} Não buscar
 a minha saia e pronta
 cá está a servir de escova
 para o sr. D. D. Valida.

— O linda, O linda homem
 — Esta bem isso e o
 mesmo, e deus até hoje
 e muitissimo obrigado
 pelo que me disse - te.
 — e deus

VI

— E atue que se man. quando atab.
 — eio?

— Ha, que come tudo as mil
 maravilhas. Ora faz idea
 que o man. não patra
 e o Duque de gust. de Villar
 do Pinar.

— O que ?!

— E verdade e ~~parten tanto~~
 e ainda não sabes o melhor

que é que o meu emprego
em casa do Duque é o
de criado, carcereiro para
melhor dizer da sr. D. Alia
da

- Que me dizes?

- Pois então. Portanto
paso intrigar - he até
vinte mil cartas se for
preciso.

- O meu querido amigo
o meu agradecimento ha-
de ser eterno. Vou
fazer contat todo ao meu
pai, mas ~~me~~ me man-
do-te a ti.

- Obrigadissimo. Vou fazer a mal

V 11

— Ora, ora não é capaz d'isso

— at finçante que sou

— Q'quanto a justiça?

— O meu castillo.

— A portado.

— D'entro dois ou tres mezes

serei um monte de Olibriano.

— Uha de Duque Augusto.

— Este dialogo foi trocado

entre o Conde de S. G. Terancia

e o tio de Castro de - patão

de Antonio, alguns dias antes

dos successos que occorriam

na. Como se se o Conde

tinha a portado o seu es-

tallo e por isso que se viu

o na 1.^o capitulo a
montade que elle
tinha que a carta
fosse entregue.

Barão de Castro era
um homem man
era um fidalgo trai
dor como a diante
se verá. Conde de
S. Francisco era
um moço bom ahi
da que estamman do.
adhesar da treição, trai
ção ~~que~~ de que a tem
po se tratava nem com
a conde de S. Fran
cisco a a posta.

O e barão de Castro
 respectu e Antonio
 isto foi um estartape-
 ma, pois que Antonio
 andava combinado
 com elle para fazer
 com que o conde
 perdesse a aposta e
 se não a perdesse
 por que Antonio era
 lial.

Mas agora repara esta
 faza com mentiras fora
 da novella romance
 historica, au' que o facto
 e.

Amante! siga o conto.

VIII

- Então João?

- A'sm. Conde corre
tu o melhor que apto
imagine V. senhora que
tenho junto de D. Cláudio.
um homem que pod e
entregar todas as cartas
que o sr. conde quizer.

- O que?

- Isso é verdade.

- Obrigado, obrigado
meu caro João. Toma tu
para ti este dinheiro

- Muito obrigado sr. conde.

- O sr. conde escrever uma
carta para ser entregue assim

IX

A credite minha senhora
que se com de aca. Para
que tem a senhora medo
do seu marido. Atue e
leia a carta.

Dizes bem Antonio, da
que me empurta enge-
ner: meu marido. Da
ca a carta, Antonio.

Pronto; logo ni que haia
de saber.

O linda leu a carta e respu-
du. A correspondencia ~~continua~~
continua por muito
tempo, ate. que se assenta
que fugiram os dois.

A fuga estava assim
 combinada: ~~de noite~~
~~na~~ a meia noite
 quando o fugueiro
 iria o linde descer
 por uma janela para
 uma carroagem que
 estaria lá. Como se
 não o entredos do rapto
 era dos mais simples.

X

Sr. Pond e tenho grandes
 negócios a tratar com
 o sr.

- Dilos - la men a tuma
 - Se o barão de Castro
 me despediu isto

foi esta tegeima que
 era para eu romper as
 coisas de mais hei
 que elle podesse trahir
 o sen. Candé. Ora
 eu não desejo trahir
 e por isso venho con-
 tinuar com nossa ~~de~~
 ria que o rapto não
 ambana mas sim
 vejo porque eu te-
 nho que dar parte
 ao barão do quecedi-
 do e portanto diga -
 he que ambã sera
 o rapto, mas com efec-
 to sera, he. Assim

e-ambamos tempo que
 é o que é preciso
 - a stônia que o herat
 era um traído ar-ju
 eu sabia mas que
 era capaz de fazer
 tal atrocidade e po
 eu não julgava.
 etão sei como te
 haide pagar tan
 tos ser-vidos. Obrigada
 pela menção, mas
 não obrigada a stônia.
 - Bem agora vou
 aos meus affazeres. Sempre
 os adeus do seu. cord e
 - Adeus meu rapiaz

XI

— Arnaldo, o Arnaldo

— O certo sim. Duque.

— Vale ja chamar o Antonio.

— Sim sim. Duque.

— O Antonio o duque chamar te.

— Bem ja lavar.

— O nome do que chamou?

— Sim. O que preciso te dizer que Amanha as Mãe morto o conde de G. Francisco vem raptar o Sr. D. Odiando.

— O que? Só a raptará. Se passar por cima do

meu cadaver, que
 venha ~~que~~ Pai que
 eu dan-lho bilhete
 para o outro mundo
 com tres ou quatro
 puntaladas no seu
 corpo infame.

Hio o que ikimari Gato
 Nome. D'essa estai
 que n'essa noite
 todos os meus ericidos
 chus de ficar a pé
 e sem ~~em~~ preciso.
 o sem daque não deseja
 mais nada de mim
 - Não. Dodes-to ir
 embora.

8 XII

Por aqui sua D. Olinda
 a D. Antônia, obrigada
 por tudo
 não a de que seu D. Olinda
 W. e a mãe cabai a
 desce a escada.

- Não ha medo.
 Olinda ja não estava
 em casa de ~~ya~~. Ou que.
 Que fizeste de graça? Não
 neste que ~~em~~ um a é o
 infame atraiçoa-o marido
 mesmo ser do elle um tyra-
 no. A ul a maldição
 cahia sobre ti e não sobre
 os teus raptores. Esses que

Desses-lhes perdão
 se merecerem perdão.

XIII

- Estais preso Duque
- O que! Fugir - me mi-
 nter mulher esta noite
 e ainda para mais sou
 preso. Mas por que?
- Ao tribunal a saberão
- Como não terão ~~nenhum~~
 nenhum crime novo al-
 to para o tribunal
- Estais pronto para me
 acompanhar.
- Estou.

XIV

- Senhor Duque sou de

Denuncia de que tra-
manas - uma conspi-
racão. Olhai que é
melhor confessor.

- É que m^{to} os denunciante
sua coisa descredito?

- Merecem - no:

- E quem são

- O linda sua mulher e
o nobre conde de S. Fran-
cisco.

- O? que grande infamou
tudo isso é mentira
minha mulher e uma
infame. et da achar
porco atriçsar - me
com esse nobre conde, e

por isso tenta perder-
 me. Se a accusação
 for verdadeira não
 chas para a mais ~~seja~~
 falsa, falcissima
 e atroz. Dou eu
 minha palavra de
 que tudo que tu
 quanta disse e
 verdade; e daquelles
 que me acreditam
 que nemham dar
 castigo aos traidores!
 - Aos traidores! Basta
 a maioria do sen-
 ditorio. Aos traidores
 murmura ainda o echo.

2^a parte.

I

- Por aqui, por aqui. Cuidado! O homem que o rio
 vai por ali. Sr. Duque
 por aqui. Veja lá não
 cabe avião...

- E não há priso meu
 rapaz.

- Sr. Duque já se avis-
 tam os lugares da
 aldeia.

- E também: rapazes de
 bem se que vamos punir
 seis grandes traidores. A-
 vante. Já tomamos
 a estrada de aqui a

meia-hora estamos na
aldeia. A mimso man
valentes.

II

- Precisamos de quartos
de lugar para os cavallos.
- A manja - al mer
senhor mas alhe que
nao são os melhores
pais esses estas tomadas.
- Alão faz mal. Qual
e o custo d'elles?
- E' o que a fidalgo
quizer.
- Dize-l eston que se me ser
vir bem hade receber
boa paga. Queremos

comido e n'um dos
quartos suas camas.
O dentar cremo-lo
si ruído no nosso
quarto.

- Vou fa dar ordens
para tudo se fazer
como o fidalgo deap.
O laitor fa por certo
perceber que os saam
chegadas eram a Corte
de S. Francisco, Ilha
Antonio e João os que
vinham fugindo para
se esconderem das
irás do Dague. Penei-
ram a embarcar

para o novo mundo
e lá viverem pois
entenderam ser essa
parte da terra a mel-
hor para se escondere-
rem.

III

- O reisamos a legem
to para esta gente
toda.

- Meu fidalgo para
o si deixou alguns da
sua companhia aida
se poderá arranjar mas para
isso é completamente im-
possivel, mas ha outra
saizem na terra

ou de os restantes
 se pudessem algar.
 - Não não quero
 senão que ficassem
 todos juntos e por isso
 não bater a outra porta

IV

- Ahem capitão esta mi-
 te fazemos uma boa
 expedição; imagine que
 as tuas estalagens estão
 apinhadas de fidalgos. Os
 dois estalajadeiros já es-
 tão combinados. O roubo
 deveira ser as 11 horas.
 - Está bem. Vou pedir
 ordens para se preparar tudo.

Os ladrões quasi que
a civilisação ja os ven-
timinou de todo. Que
tempo houve aquelle
em que de não podia
malhar sem se levar
armas. Muitos negros
era assaltados as casa
e gensl ~~foram~~ ~~afantados~~
~~eram~~ eram mortos depois
de distituidos até se
fatos. Que por isso tem
passado em que as
estradas não affricam
segurança nenhuma. A
gora a casa - se como

damente quer em
caminhas de ferro
que por mar. Mas
antes...

A garra sal o leite
presencia um rocho.
Mas duas estalagem a
que a trez rose refri
tudo Salinia. De repente.
Alente-se um grande
bambão. Com os ladrões
que tinham entrado nas
estalagens. Os hóspedes
apanhados de improviso
não se puderam defen-
der e os que não sur-
sam ficaram mortos.

Na segunda estalagem
 foi mais brava a
 resistencia pois nella
 estava o Duque de
 Villar do lado nosso.
 Choncha e o, mas por fim
 venceram os laques.
 Dos homens do Duque,
 que não morrem, ficaram
 somente tres que como
 o Duque ficaram ainda
 prisioneiros. Na primeira
 estalagem só morrem dois
 pois os outros se entregaram.
 O que é o destino! Com elle
 fez prisioneiros os nossos. Deitou
 o Duque, o conde e o linca!

— Sr. conde de S. Francisco, nós somos inimigos de claudos, mas apesar d'isso pagamos o seu resgate mas não o de essa mil e infame Olinda pois sei que não tendes dinheiro — Pois duque prefiro ficar aqui toda a vida do que seiscar Olinda aqui neste covil de ladrões.

— O que tudo. — Assim Olímpia aparece de repente — O meu senhor conde vus om

hora pois eu fico
 com a capitão de
 ladrões ~~por~~ de quem
 gostava bem mais da
 que ti. E de - nos embora
 que mesmo se pudesse
 não te acompanharia.

- O que dizes mulher?
 Desde que profizeste
 estas palavras não
 seres nem eu nem
 ti, ~~mas~~, a capitão uma
 portante non lançar
 fogo ao paiol e tod'os nos
 morreremos.

O uniu - se com estun

pido me danho; tinha
 sido a casa das
 la, a toca dos ladros,
 que ~~tinhava~~ ja não
 existia, por meio
 da expulsão do paiol,
 sepultando consigo.
 O Duque Auguste de
 Villar do Oiro, O conde
 de S. Francisco e em
 fim todas as personagens
 d'este conto.

FIM

Marcelo

26-1-903

79

80

Canario

A rainha do campo da
 Marguey era esplenida
 Rodiana - a uma linda
 mata onde elle ^{ta} cagar.
 Mon dia sentiu um lindo
 cantar mas sem
 saber donde provi-
 nha. Continuou o
 canto por muitos dias
 e n'um o Marguey viu
 que elle era d'un canario,
 abandonado a garrido
 e metello n'uma gaiola,
 mas o canario ja não
 cantava. O Marguey aborreo

saltou - o e elle
 continuou logo
 a cantar. Ora o
 Marquez era casado
 com uma mulher e
 nunca se deixava
 sair pois dizia que
 uma mulher devia
 sempre estar em casa
 mas de modo que
 que o casamento livre can-
 tava e preso não deixava
 sua mulher sair.
 Vede como ^{por causa d'} com passarinho
~~uma~~ mulher adquiriu a liberdade
 De Janeiro - 1803 de Janeiro

O bai

Maria era uma linda
camponeza. Sua
madrinha tinha
de cada um bai
de quem ella gosta
na muito. Um dia
sem paé enrubrou-se
n'uma lesar sem
e para o saltarem
era preciso pagar
20 mil reis. Pôde
arranjalos? Tu verendo
o meu querido bai
e senão para salvar
sem paé. Ora Maria
sorrada e namorada

por um rapaz, mas
 ella não gostava
 d'elle. Então o rapaz
 é que comprou o hat
 e depois deu-l'o.

Desde esse dia Maria
 gostou muito do Manuel
 e casou com elle sendo
 sempre muito feliz.

Vede como um hat fez
 com que uma rapariga
 não gostando d'um rapaz
 ficasse gostando e casou
 com elle.

Antonio Salazar

24 Janeiro - 1903

85

Na antiga aldeia dos Serranços
 Soava um ^{neto} que não dormia
 Coplas que sonava
 Era a tia Maria que fiam, fia

^{velha}
 Na antiga aldeia dos Serranços
 Soava a tia Maria fiam, fiam

Tiana, Titona para oriar
 Um neto que tinha e o sustenta

O neto era bello.

Era filho d'um e filha q'el tinha e
 do Platonis de Villa

Quem joga dor de porta
 Cá o melo e' garetivo
 E quem como elle não s'importa.
 Pois ^{de quem se importa} eu que sou mantigueiro

Somos três tipos Ladinos
 Três, três gapeis
 Somos três tipos muito finos
 Três, três tipos

So' depois de porra dar
 Entra p'ra aula ligeira
 O meu costume e' falar
 E meu... e sou mantigueiro

O' patria, o' patria amada

Recebe os filhos teus

O' patria idolatrada

Recebe a cada

O' patria a deus adeus

O' patria, o' patria amada

Recebe os filhos meus

O' patria idolatrada

Para sempre digo adeus

O' patria o' patria

O que me te despo' patria

E' que não te succede mal

E que eras muitos honras

Como o meu guez. - Brasil

E que os reis por ti eleitas
 Ditemm' muni' l'ras leis
 E esse sejam p' os seus Sizes
 Outros principes perfectos

O patria, o patria amada
 Recche o meu curio
 A Deus patria, a Deus patria
 Patria da coraço

A patria a boa patria
 Recche o seu curio
 E certiman sua morte
 Pais perden um Cidadão

Comer, seu esposo morto

Comer esse a sua esposa

Ó meu amor, soube e tencheço

Mata-me n'um instante

O ente que tu carrega morto

Era bella entre as bellas a minha ^{amada}

E o mar esse mar honrado

É um instante a faz em nada

Mes, tambem dhe noticia do tempo

A minha querida Ester é morta

E eu meu Deus n'este mundo ^{atrasado}

Mata-me que a morte não me importa

Deja pela agora ou pelo fogo vivo a terra

Chi de munda con pautas

R

Con mite del fegta

Havia mais um caso de um rapaz
Lado 8

1^o

Ensi-voite alle baite

Inde jalá e tude souca

~~Alto padre l'andare~~

~~a optator tamdem~~

ga domo e p' discar a

~~Em se o p' d' g' a~~

~~Em se r' a d' d' d' d' d'~~

~~Enquanto~~

~~Pencam: O fidalgo~~

~~O quanto que o fidalgo se pensa
 E que falzar
 O fidalgo manda o ar
 Gosta o tempo a trabalhar~~

Onde 2^o
 O Fidalgo gosta o tempo
 A vir e também falzar
 Emquanto que o lavador
 Aproveita o a trabalhar

3^o

Depois o Fidalgo em fofa cama
 Por somno subresaltado
 E Cy talhaas o lavador
 O Larne mui Ses anes su

E meu que Na cano
 O Fidalgo esta almoçar

E meu dia na moça
 O fidalgo esta o almoçar
 Borem em sua guata
 O lavador a jantar

E / heo em falcia
 E meu dia no padre
 O Fidalgo ^{deu} almoçar
 Em sua pobre casa
 Mas furem em sua casa
 O lavador a jantar

96

4^o

E' mere dia empalco
Esti a pitago a almocar
Empuante gw o leuider
Gü ocalun sijantaz

Chia bella, se dice, mezzano
L'ora è mi, la più vicina l'ora

~~Estão com os olhos como~~

Criança de Natal

~~Estão com os olhos como
 que se não podem ver
 Não sabem que os olhos
 Têm os olhos como~~

Criança de Natal

~~Estão alegres e contentes
 Os ^{olhos} que os olhos
 Têm os olhos como~~

È vespera de natal

Estão allegros o povo ¹⁵⁰

Cois que heur que si esse souit

fezus the sacra homtos

vão - se Saltar os Arqueiros

allas nem dormes d e contes

So ha pelas 10 horas

que dormem os uns contes

A cardame de manhazinha

E feng ustama criada

De fezus the não deu nada

D. ou - the sim mais os boub

Theis diz a boa era d'ora

Que se podem boubos d'ora by rian

Evapora de Natal

Criar alegres e pequenos

Bois sabem que n' esta noite

Jesus lhes dara honras

2º

Não se deitar os lindinhos

Mas nem dormire de contentes

Bois só la pelas 10 horas

A dormessem os inocentes

3º

Perguntem a crida

Quado acordam de manhã

Se Jesus lhes não deu nada

Deu - lhes sim e mentes bonitas

Mostra de a hora crida

Então quem tem a cabeça de bois

Jun 1

Dec - the sun ~~is~~ ^{is} ~~in~~ ⁱⁿ ~~the~~ ^{the} ~~sky~~ ^{sky}

Do not ~~see~~ ^{see} ~~the~~ ^{the} ~~sun~~ ^{sun}

4

Dec - the sun ^{is} ~~is~~ ⁱⁿ ~~in~~ ^{the} ~~the~~ ^{sky} ~~sky~~

Do not ~~see~~ ^{see} ~~the~~ ^{the} ~~sun~~ ^{sun}

Do not ~~see~~ ^{see} ~~the~~ ^{the} ~~sun~~ ^{sun}

O seu carregado de numerosos objetos
 e chuvia na rua pagando encoberto
 Se nos ambienta pelo momento

A lampstead é horrível
 Não há nada mais triste
 É até mesmo impossível
 Que Deus sonhasse ver

A lampstead é horrível
 Não há nada mais triste
 Parece até impossível
 Um espectáculo tão melancólico

et tempestudo e do inferno
 Pois se o ar não pode ser
 A tempestado do mesmo
 Pois no ar não pode ter

~~De Itanajá a poallo
 Pois se Deus não pode ser
 Que no ar não possa
 Ter pedreira como ella~~

E de Itanajá a Orcekh
^{de} ~~Pois~~ se Deus não pode ser
^{no} ~~que~~ no ar como ella
 Lá no ar não pode ter

Vi uma vez uma tempestade
 Tempestade e tua lesma
 Sua pulga que não ^{há} mais
 Assim ^{estrela} assim ^{estrela} assim

Que espetáculo tua medonha
 Tua horrida tua tristura
 Assim porcella
 e tu quero ser

Obrigado por tudo morrer

Caros Antonio

Antonio Alberto

Rafael Thomaz

Luiz Otávio

Otávio Arcio

Samuel D. J. J. J.

Pesquisas à porta feia
 Antes de entrar m. to' arteiro
 De cá falta o não me mais
 As portas ... com mantimentos

Levo a água em meu moinho
 Também eu, mas não me com
~~É mais eu, o pa' colher~~
 Segue u d' outros caminhos
 Também eu, o mantimentos
 Faz o mesmo o mantimentos
 Mais eu por outro canal
 O qual é em ser guateiros

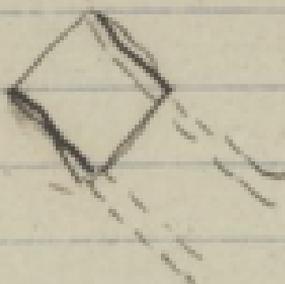
106

107

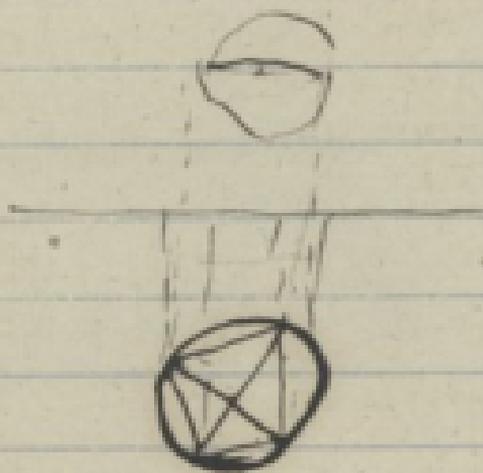
108

109

110



111



112



113

114

115

116

117

118

119

120

521

1904

122 Dia 30 de Janeiro

Ao ex.^o Sr. Augusto de
Lima - T. de Carne 2. 3.^o

Recbi:
Augusto de Lima

Ao ex.^o Sr. Felisberto de Azevedo,
Lima - T. de Carne 3. 2.^o

Recbi:
Felisberto de Azevedo

Ao ex.^a Sr. Felisberto Augusto Guerra
Lima - T. de Carne 2. 1.^o

Recbi
Felisberto Augusto Guerra

Compuzado
Antonio F. de Azevedo

1904

123

Dia Sapuá

Ao ex.^o Sr. Felisberto de Souza
Mullume - Avenida da Liberdade 31^o

Recchi

~~Felisberto de Souza~~

Ao ex.^o Sr. - Antonio de Mello
Mullume - Junqueira 3

Recchi

~~Fel. Ant. de Mello~~

Ao ex.^o Sr. Leonardo de S. Aguiar
Mullume - Chato 15, 2.^o

Recchi

~~Leonardo de S. Aguiar~~

Dampredo



✓ 24

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

15

12

~~20~~

15

~~18512~~

601

185

137

[Página 137 a 206 em branco]

206

N50/6

